

Sobre o que precisamos conversar pelo caminho? Campanha da Fraternidade Ecumênica em tempos de fundamentalismos: aprendizados e desafios para o movimento ecumênico

What do we need to talk about along the way? Ecumenical Fraternity Campaign in times of fundamentalism: lessons and challenges for the ecumenical movement

Romi Márcia Bencke¹

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 que teve como tema *Fraternidade e diálogo: compromisso de amor* e lema *Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade (Ef 2,14)*. Esta foi a quinta edição ecumênica da Campanha da Fraternidade, realizada todos os anos, no período da quaresma, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No entanto, foi a primeira vez que a CFE foi alvo de intensos ataques e tensionamentos internos – em parte pelas próprias igrejas que estiveram envolvidas na sua realização. Analisar estes ataques e tensionamentos, meses após a realização da campanha, é um exercício para compreender a atual conjuntura interna das igrejas ecumênicas e do próprio movimento ecumênico brasileiro, procurando identificar os prejuízos, os aprendizados e desafios que esta experiência apresenta. O artigo está dividido em três partes. A primeira apresenta os objetivos da campanha, a justificativa para a escolha do tema e as igrejas participantes; a segunda parte contextualiza as reações ao texto-base; e a terceira identifica aprendizados e desafios.

Palavras-chave

Ecumênico. Diálogo. Evangelização. Igrejas. Ecumenismo.

Abstract

The following article presents a reflection on the Ecumenical Fraternity Campaign 2021, whose theme was *Fraternity and dialogue: a commitment to love* and the motto *Christ is our peace: from what was divided he has made unity* (Ephesians 2,14). It was the fifth ecumenical edition of the Fraternity Campaign, held every year during Lent by the Brazilian Conference of Brazilian Bishops (CNBB). However, it was the first time that CFE was the target of intense attacks and internal frictions – in part by the very churches that were involved in its realization. By analyzing the content of these attacks and tensions, months after the campaign, it is possible to realize the current situation of the Brazilian ecumenical movement. One can identify the losses, and the lessons learned, and the challenges posed by this experience. The article is divided into three parts. The first part presents the objectives of the campaign, the justification for the choice of the theme, and the participating churches; the second part contextualizes the reactions to the guiding document of the campaign; and the third part identifies the lessons learned and challenges.

Keywords

Ecumenical. Dialogue. Evangelization. Churches. Ecumenism.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Teologia pela Faculdades EST. Contato: romibencke@gmail.com.

INTRODUÇÃO: CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS – EVANGELIZAÇÃO PARA O DIÁLOGO

A *Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021* (CFE) é a continuidade de uma experiência que iniciou no ano 2000, na virada do novo milênio. A CFE representa a maior campanha ecumênica de evangelização da América Latina. Sua ênfase evangelizadora consiste, em primeiro lugar, em reconhecer que a evangelização da América Latina historicamente serviu de alicerce para os projetos colonialistas. A evangelização, portanto, no passado, caracterizou-se pela aliança com as potências colonialistas, com a violência, representada pela imposição da fé cristã aos povos originários e às pessoas africanas escravizadas.

Em 1992, foram realizados inúmeros fóruns de debate e processos de revisão sobre quais foram as consequências para a América Latina da aliança entre colonialismo e evangelização ao longo dos 500 anos. Esta autocrítica histórica foi importante para o reconhecimento da relação entre evangelização e violência. Parte das igrejas expressou seu arrependimento e orientaram os seus projetos de evangelização por valores como o diálogo, a cultura de paz, a solidariedade e comprometimento com as causas justas, entre as quais, promoção e defesa dos direitos humanos, a afirmação da democracia, a superação das desigualdades, a concentração de riquezas, apoio para as iniciativas de auto-organização popular, diálogo ecumênico e inter-religioso para o enfrentamento às intolerâncias religiosas.

As campanhas da fraternidade ecumênica apresentaram desafios evangelizadores concretos que foram assumidos pelas igrejas. Esta foi a motivação da primeira CFE, realizada no ano 2000, no marco da virada do milênio. A CFE 2000, organizada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) somou-se a uma ampla articulação, formada por organizações ecumênicas, diaconais, pastorais sociais e movimentos populares. O tema da CFE 2000 foi *Novo milênio sem exclusão* e seu objetivo era o promover a reflexão sobre estratégias para a superação das exclusões e identificar estratégias e ações concretas para a garantia das necessidades básicas dos seres humanos. A CFE 2000 denunciou injustiças e violações dos direitos humanos. As igrejas também apontam para a valorização do trabalho da mulher na Igreja e na sociedade.

A CFE 2000 afirmou que o resgate, o reconhecimento, a defesa e a promoção da dignidade humana são condições para a paz. A CFE2000 contribuiu efetivamente para o plebiscito da dívida externa, do qual participaram seis milhões de pessoas.

A CFE 2005 abordou o tema *Fraternidade e paz: felizes os que promovem a paz* e assumiu a campanha do desarmamento como ação evangelizadora. Naquele ano, as igrejas promotoras da CFE 2005 participaram efetivamente da campanha do desarmamento, que tinha dois objetivos. O primeiro era que as pessoas que portavam armas sem registro regularizassem o porte de armas em 180 dias. O segundo era que as pessoas entregassem as suas armas de fogo com direito à indenização. A CFE 2005 foi eficaz em abordar a cultura da não violência.

Sobre o que precisamos conversar pelo caminho?

Não menos relevante foi a proposta evangelizadora da CFE 2016, *Casa comum: nossa responsabilidade*, que denunciou a precariedade do saneamento básico no Brasil e a falta de acesso à água potável de boa qualidade. A partir dessa campanha, evangelizar significou também o cuidado com a criação, o reconhecimento de que os bens comuns não podem ser privatizados. A campanha assumiu tanto o saneamento básico como o acesso à água potável de qualidade como direitos humanos inalienáveis. Nenhum ser humano pode ser privado do acesso a estes recursos por não ter dinheiro para pagar. Como gesto concreto, foram realizadas inúmeras ações para a recuperação e preservação de nascentes.

A CFE 2021 é, portanto, a continuidade da experiência ecumênica que tem na evangelização alicerçada no testemunho de fé ecumênico voltado para o bem comum o seu principal horizonte.

1 O DIÁLOGO EM CONTEXTOS POLARIZADOS É POSSÍVEL?

A realização da *Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021* foi aprovada pela Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em 2019. Após a definição de que a campanha seria ecumênica, a CNBB levou a proposta ao CONIC, que acolheu o convite.

A partir da anuência da diretoria do CONIC foi organizada a Comissão Ecumênica da CFE, integrada por representações indicadas pelas igrejas-membro do CONIC,² por um organismo-fraterno, o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e uma igreja convidada, a Igreja Betesda.

Para a escolha do tema foi realizado um processo de consulta às igrejas. A análise das propostas temáticas foi realizada pela Comissão Ecumênica da CFE, que procurou realizar uma síntese dos temas mais indicados pelas comunidades de fé. Os temas sugeridos estavam relacionados às polarizações presentes na sociedade, à dificuldade de diálogo, às intolerâncias expressas nas redes sociais, intolerância religiosa e cultura de não violência. A reflexão sobre os temas e as realidades nacional e eclesial resultou no tema da CFE, *Fraternidade e diálogo*, iluminado pelo lema bíblico, *Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade (Ef 2,14)*. A comunidade de Efésios nos ensina que a fé em Cristo Jesus derruba os muros da divisão e reconcilia as nossas diferenças culturais e religiosas, promovendo a evangelização orientada pela unidade na diversidade.

O objetivo da CFE 2021 foi, conforme o texto-base, através do diálogo amoroso e do testemunho da unidade na diversidade, inspirados e inspiradas no amor de Cristo, convidar comunidades de fé e pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a

² As igrejas-membro do CONIC são: Igreja Católica Apostólica Romana, representada pela CNBB; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB); Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Igreja Presbiteriana Unida (IPU); além da Aliança de Batistas do Brasil (ABB). À época, integrava o CONIC a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, que contribuiu no processo de organização da campanha e pediu desfiliação do CONIC logo após o lançamento da CFE.

superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 9-10).

Os objetivos específicos chamaram a atenção para a denúncia das violências contra as pessoas, povos e a criação e, em especial, as violências justificadas em nome de Jesus; o encorajamento para a prática da justiça e a restauração da dignidade das pessoas; a superação de conflitos para alcançar a reconciliação social; a animação ao engajamento em ações concretas de amor à pessoa próxima; a promoção da conversão para a cultura do amor em lugar da cultura do ódio; o fortalecimento e celebração da convivência ecumênica e inter-religiosa (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 10).

Para desenvolver o objetivo geral e os objetivos específicos, foram elaborados o texto-base e outros subsídios. O texto-base foi dividido em três partes, que seguiram a metodologia ver, julgar, agir e celebrar, que por sua vez, foi elaborada a partir do diálogo estabelecido entre os peregrinos de Emaús, narrado em Lucas 24,13-35, imaginando que cada uma das partes metodológicas representava uma parada feita pelos peregrinos no trajeto de Jerusalém a Emaús. Este subsídio foi elaborado coletivamente e analisado diversas vezes pelas igrejas-membro até passar por sua aprovação final realizada pela Comissão Teológica do CONIC, integrada por teólogos e teólogas indicados pelas igrejas-membro.

2 AS PÁGINAS DA DISCÓRDIA

O texto-base da *Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021* é um livro de 80 páginas, subdivididas em seis capítulos. Destes capítulos, dois são centrais. O primeiro que tem por título *Trocando impressões sobre os acontecimentos mais recentes*; o segundo, *Carta às pessoas de boa vontade em um mundo cheio de barreiras e divisões*. O conteúdo do primeiro capítulo está distribuído entre as páginas 17 a 36, enquanto o segundo abarca as páginas 40 a 52. As páginas que geraram as polêmicas foram as que correspondem ao primeiro capítulo. Neste artigo, pretende-se destacar quais os elementos geradores de polêmica presentes nestas 19 páginas. A pergunta inicial é o que de tão grave estas 19 páginas apresentaram para causar tanta controvérsia, cancelamento de atividades, agressões nas redes sociais e, inclusive, intimidações mais explícitas como ligações com tons de ameaça ao escritório do CONIC? É importante olhar para as 19 páginas enquanto ecoam as vozes exaltadas dos críticos.

O primeiro capítulo do texto-base, no parágrafo 23, inicia com a seguinte afirmação: “Quando os discípulos de Emaús saíram de Jerusalém estavam impactados pelos acontecimentos mais recentes: a condenação e a consequente morte de Jesus na cruz.” (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 17). Já o parágrafo seguinte, o 24, atualiza a cruz ao afirmar:

O final de 2019 e o início de 2020 serão provavelmente narrados e analisados ao longo do século XXI com foco nos impactos provocados por uma pandemia global, da Covid-19, que até este momento interrompeu centenas de milhares de vidas de mulheres e homens, crianças e jovens, idosos e idosas. (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 17).

Esses dois breves parágrafos poderiam ser caracterizados como o fio condutor de toda a reflexão desenvolvida no conjunto de 19 páginas que formam o primeiro capítulo.

Tal qual os discípulos de Emaús que, ao retornarem de Jerusalém para a sua localidade, precisavam conversar sobre as cenas de barbárie testemunhadas por eles em Jerusalém, também nós precisamos falar sobre as cruces de hoje para entendê-las e identificar, à luz do Evangelho, alternativas e caminhos para a superação de todas as formas de violência. O caminho identificado pela CFE foi o do diálogo como compromisso de amor.

Entretanto, para superar conflitos e divisões, é necessário nomeá-los. A primeira parte do texto-base fez exatamente isso, nomeou o que nos divide como sociedade e igrejas. Quais as causas das polarizações atuais? Como enfrentá-las com o diálogo? Neste ponto é importante chamar a atenção que, quando falamos em diálogo, estamos propondo que o dialógico não está limitado ao transitar dos seres humanos entre si, ou seja, ao vai-e-vem que vemos nas ruas movimentadas e em outros espaços que reúnem pessoas. Ao refletirmos sobre o dialógico propomos o comportamento humano voltado um-para-o-outro (BUBER, 2014, p. 40). A postura dialógica exige a reciprocidade entre as pessoas que precisam, tal qual os peregrinos de Emaús, estar voltadas umas-para-as-outras, ouvir-se e falar sobre as profundas mudanças ocorridas na sociedade e das quais conhecemos apenas a aparência. O lugar privilegiado para o encontro dialógico é a comunidade, ambiente onde temos a oportunidade de nos voltarmos uns para os outros.

O coração desta CFE foi o de desafiar as pessoas a voltarem-se umas para as outras e se ouvirem e, sem desconsiderar os conflitos, conseguir transcendê-los pelas múltiplas experiências que acumulamos no caminho.

Todo o material da CFE 2021 foi elaborado durante a pandemia da COVID-19. Diferente das campanhas ecumênicas anteriores, a comissão responsável por organizá-la trabalhou de forma remota, valendo-se de plataformas virtuais. A revisão do texto-base e a avaliação de cada parágrafo foram realizados de forma virtual, reservando tempo para as reflexões, para a escuta dos diferentes integrantes, para interrupções para consultar as igrejas sempre que um determinado aspecto gerasse controvérsia.

As primeiras polêmicas surgiram atribuindo a elaboração do texto-base a uma única pessoa, apresentada como perigosa para as igrejas, por ser feminista. Diante dos esclarecimentos realizados pelo CONIC, explicando que o texto-base foi resultado de um trabalho coletivo, realizado por oito pessoas, o foco dos argumentos contrários à CFE e ao texto-base mudou.

Passaram a atribuir a sua elaboração a uma estratégia de protestantização do catolicismo. O argumento era de que na Comissão Ecumênica da CFE havia apenas duas pessoas católicas romanas e as demais eram protestantes. Segundo os críticos, os protestantes não deram chance para as representações católicas “defenderem” sua doutrina. O pano de fundo das controvérsias era a ameaça à pureza doutrinária da “Santa Madre Igreja”³ representada pela modernidade, presente nas igrejas protestantes. Esta é a síntese do argumento principal que fundamentou os ataques. Vale um olhar sobre os principais temas abordados no primeiro capítulo do texto-base e que foram alvo de ataques.

O primeiro tema da controvérsia foi o que apontava o *lobby* realizado por alguns grupos de igrejas, no contexto da pandemia da COVID-19, para que estas fossem consideradas como organizações de atividades essenciais e, como tal, pudessem se manter abertas nos períodos de *lockdown* realizado no Brasil.

Ao problematizar esta reivindicação de alguns grupos cristãos, o texto-base fez a seguinte pergunta: “o que seria essencial no papel desempenhado pelas igrejas: o templo aberto e as celebrações numerosas ou o serviço ao próximo e à próxima?” (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 18).

Os movimentos contrários à campanha rebateram esta pergunta, na *live Saiba quem está por trás da Campanha da Fraternidade Ecumênica*, com o argumento de que

o serviço espiritual é o serviço mais essencial de todos, então vejam como se tem uma visão materialista, imanentista da fé aqui. Aquele serviço que é o mais essencial de todos, que é o serviço espiritual **católico obviamente** é tido como algo dispensável. E as pessoas que lutam pela abertura das igrejas são vistas como genocidas aglomeradores. Nós devemos já afirmar que sim, os serviços, os sacramentos da Santa Igreja Católica são os serviços mais essenciais de todos. (CENTRO CULTURAL DOM BOSCO, 2021b, grifo nosso).

Observa-se neste argumento a compreensão de que há uma determinada expressão religiosa como a verdadeira. Uma visão que entra em choque com a abertura ecumênica da Igreja Católica Romana, realizada pelo Concílio Vaticano II. A distorção do texto-base também está presente neste argumento, quando fala que as pessoas que lutam pela abertura das igrejas são vistas como “genocidas aglomeradoras”. O texto-base não fala isso, mas levanta a pergunta pelo papel das igrejas em um contexto grave como o da pandemia. O texto-base chama a atenção para a diaconia, as ações de solidariedade e de escuta que as igrejas podem realizar, lembrando sempre que onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em nome de Cristo, ali está Cristo entre elas. A reflexão proposta no texto-base sobre o papel das igrejas no contexto da pandemia não estava em contradição com as igrejas envolvidas na organização da campanha,

³ *Santa Madre Igreja* é a expressão utilizada pelos inúmeros influenciadores católicos que realizaram *lives* e outras manifestações nas redes sociais contrárias à CFE.

Sobre o que precisamos conversar pelo caminho?

uma vez que todas as sete igrejas estavam realizando as suas atividades de forma virtual e bastante empenhadas em ações de diaconia para atender as necessidades das pessoas mais impactadas. No parágrafo 29 o texto-base afirma:

Se, por um lado, parte das igrejas realizaram pressões políticas para permanecerem abertas, por outro lado, outras igrejas assumiram como testemunho de amor o cancelamento de todas as atividades presenciais, como forma de cuidado. As celebrações foram adaptadas para realidade da internet, foram estimulados outros espaços de encontro e celebração, como as plataformas *on-line*. (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 18).

Um segundo aspecto vocalizado com força pelos grupos críticos à CFE foi a parte final do parágrafo 68 do texto-base, onde se lê:

Outro grupo social que sofre as consequências da política estruturada na violência e na criação de inimigos, é a população LGBTQI+. O já citado Atlas da Violência de 2020 [...] mostra que o número de denúncias de violências sofridas pela população LGBTQI+ registradas no Disque 100 no ano de 2018 foi de 1.685 casos. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia apresentados no Atlas da Violência 2020, no ano de 2018, 420 pessoas LGBTQI+ foram assassinadas, destas 164 eram pessoas trans. Percebe-se que em 2011 foram registrados 5 homicídios de pessoas LGBTQI+. Seis anos depois, em 2017, este número aumentou para 193 casos. O aumento no número de homicídio de pessoas LGBTQI+, entre 2016 e 2017, foi de 127%. Estes homicídios são efeitos do discurso de ódio, do fundamentalismo religioso, de vozes contra o reconhecimento dos direitos das populações LGBTQI+ (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, p. 32).

Na *live* com o título *Campanha da Fraternidade 2021: a revolução contra a fé*, os apresentadores dizem:

Eu diria que particularmente que para o Centro Dom Bosco ele começou a chamar atenção a partir do momento em que várias denúncias começaram a vir a público. E aí de uma forma muito precisa sobre um ponto muito preciso que é o ponto número 68 do texto base em que há uma tentativa de colocar para dentro da Santa Igreja Católica um vocabulário de **ideologia de gênero**, aquela sopinha de letrinhas que não para de crescer. Na minha época, basicamente, só tinham duas letras ou a pessoa que tinha dificuldades em relação à **reta** orientação sexual, elas se chamavam lésbicas ou gays, você tinha um LG, depois veio o “B” depois veio o “T”, o “Q”, o “I” e a coisa foi indefinitivamente para o mais. (CENTRO CULTURAL DOM BOSCO, 2021a, grifos nossos).

Lendo com atenção o ponto 68 do texto-base, percebe-se que o texto não entra no debate sobre o que os representantes do Centro Dom Bosco chamam de “ideologia de gênero”. O texto-base chama a atenção para a violência contra a população LGBTQI+. Não se discutem, no texto-base, as questões doutrinárias das igrejas em relação à sexualidade. O texto-base afirma

que para que ocorra o diálogo, como compromisso de amor, a partir do *voltar-se-um-para-o-outro*, é necessário dialogar sobre as violências sofridas pelas pessoas que se identificam como LGBTQI+. Este não é um tema estranho às igrejas-membro do CONIC. As 19 páginas iniciais do texto-base afirmam, ao abordar as diferentes violências, que nenhum tipo de violência é compatível com a fé cristã. É necessário dialogar sobre as estruturas geradoras de violência para que o compromisso de amor se torne concreto.

Ao inserir a CFE no contexto da agenda da “ideologia de gênero”, muito propagada pelos movimentos antidiálogo, a CFE torna-se, ela mesma, instrumentalizada para polarizações internas nas igrejas promotoras da campanha.

Pode-se dizer que, ao atacar questões como feminicídio, racismo e violência policial, o objetivo dos geradores de polêmicas era o de acionar um dos principais mecanismos dos movimentos fundamentalistas contemporâneos, que é o da guerra cultural. Isso pode ser identificado na qualificação do que seria um combate aceitável para a Igreja Católica Romana e quais são os combates não aceitáveis. A palavra *combate* na *live Campanha da Fraternidade 2021: a revolução contra a fé* aparece 20 vezes.

Então, a CNBB, ela costuma travar o **combate** muito forte nas pautas que lhes são próprias e, que eu digo, nem sempre são as pautas da tradição da Igreja. [...] Aliás, eu poderia dizer, que quase nunca são. Ou, eu poderia até pior, dizer que nunca são, mas eu não vou exagerar, vamos colocar pelo menos, a maioria, na maioria das vezes, não são pautas da Igreja católica que está sempre travando um **combate**. Aí quando o assunto é o **combate sobrenatural**, infelizmente o que a CNBB faz, faz um imenso silêncio. Tá bom e aí parece que a Igreja militante fica existindo aqui entre os leigos, porque os bispos que é quem deveriam estar à frente desse combate resolveram simplesmente não combater. (CENTRO CULTURAL DOM BOSCO, 2021a, grifos nossos).

Na mesma *live*, indica-se o que é a verdadeira Igreja militante e o que ela deve combater:

Eu queria ler só um trecho do livro e depois citar palavras do papa Pio XII sobre essa característica da igreja enquanto militante. Olha só: “A Igreja militante diz respeito à dinâmica da vida eclesial na qual a luta ainda está em curso, na qual ainda travamos a luta pela perseverança. Os membros da Igreja militante, cada um de nós católicos, ainda estamos ao alcance dos anjos caídos, os demônios. E mesmo que estejamos em estado de graça ainda podemos ser ludibriados por eles, por seu líder Satanás, que anda ao redor de vós como o leão que ruge buscando a quem devorá-la, uma citação da carta de São Pedro. Ao contrário de nossos compatriotas na Igreja triunfante, na igreja padecente nós estamos muito envolvidos no **combate espiritual** e nada está garantido até que ele termine, nada. Por isso São Paulo nos aconselha estritamente: “trabalhai na vossa salvação com temor e tremor”. Isso é um bom fechamento. Trabalhai na vossa salvação com temor e tremor. Será que as pessoas que elaboraram essa campanha da fraternidade, elas estão em busca da salvação dos nossos irmãos? Irmãos não, desculpa, nós não nascemos juntos. Nós somos 1500 anos mais velhos do que eles, do que os cristãos separados. Será que nós estamos procurando a salvação deles ou estamos querendo apenas uma amizade completamente de nível mundano? Apertamos a mão e damos um abraço, mas não os convidamos para que se confessem, não os convidamos para que abraçassem a fé integral da Igreja

Sobre o que precisamos conversar pelo caminho?

católica, que é a verdadeira Igreja de Cristo. (CENTRO CULTURAL DOM BOSCO, 2021a, grifo nosso).

Esta transcrição sinaliza que há um combate a ser feito. Os anjos caídos ameaçam e precisam ser derrotados. Quem são os anjos caídos? São as pessoas que propagam a “ideologia de gênero”, os comunistas, a teologia da libertação, as mulheres feministas, os protestantes, ou seja, tudo o que ameaça uma determinada pureza doutrinária católica romana, segundo os críticos da CFE.

Importante destacar que, embora estes ataques tenham iniciado por um coletivo católico romano chamado Centro Dom Bosco, que se apresenta como uma organização de leigos que têm por objetivo rezar, estudar e defender a fé, as polarizações em torno da CFE se capilarizaram em muitos outros grupos vinculados às igrejas-membro do CONIC, dos quais destaco o grupo vinculado à IECLB, chamado Herdeiros de Worms, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, da Família e da Propriedade, a Aliança Luterana, entre outros.

Entre os protestantes, em especial de confissão luterana, os vídeos do Centro Dom Bosco foram divulgados,⁴ apesar das afirmações de o protestantismo ser qualificado como heresia e ameaça.⁵ Foram mantidas as partes relacionando à CFE com a “ideologia de gênero” e as denúncias relacionadas ao aumento da violência de populações subalternizadas. Os grupos Aliança Luterana e Herdeiros de Worms⁶ organizaram também um abaixo-assinado reivindicando a saída da IECLB do CONIC.

A experiência da CFE foi inédita, no sentido da repercussão nos meios de imprensa e nos movimentos sociais. Assim como os ataques foram numerosos, igualmente numerosos foram os apoios, isso remete ao fato de que o discurso e a prática religiosas está no centro das polarizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA SEGUIR DIALOGANDO – APRENDIZAGENS E DESAFIOS

A CFE 2021 trouxe inúmeros questionamentos para o movimento ecumênico. Pelo menos, desde a década de 1960, o movimento ecumênico latino-americano foi fortemente marcado pela afirmação dos direitos humanos, a ponto de ser reconhecido como “ecumenismo de direitos ou ecumenismo de justiça” (SINNER, 2003, p. 129).

Apesar de ser numericamente reduzida, a experiência ecumênica no Brasil sempre foi coerente com o que se reconhece como a base do testemunho cristão, a saber: compartilhar o testemunho de Jesus Cristo (Jo 18,37), que se expressa na proclamação do Reino e no serviço à

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/HERDEIROSDEWORMS/posts/814505009275097>>. Acesso em: 31 maio 2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcos.carneiro.127/videos/3528490207277521>>. Acesso em: 31 maio 2021.

⁶ Disponível em: <<https://www.peticao.online/desligamentoieclbconic?fbclid=IwAR1WcWITU--BsOZRWBvBrLifWryYC-KnutGZ3byIyvNmZr9DYVZP8efxynI>>. Acesso em: 31 maio 2021.

pessoa próxima. O diálogo com diferentes religiões e culturas é uma consequência da fé, conforme Atos 17,22-28. Não faz parte do testemunho cristão a adoção de métodos coercitivos e violentos, porque causam sofrimento. Reconhece-se que o Espírito Santo sopra onde quer e não pode ser controlado (Jo 3,8).

Ao assumir a perspectiva do diálogo como compromisso de amor, a CFE fez o contraponto às inúmeras manifestações fundamentalistas que reconhecem que há apenas uma única forma de interpretação da realidade, baseada em uma matriz religiosa que se considera a única verdadeira. A CFE, ao propor o diálogo como caminho para a superação das polarizações, procurou apresentar um contraponto aos fundamentalismos que fragilizam os processos democráticos, não reconhecem o direito das comunidades originárias e tradicionais de cultuarem seus sagrados, e não aceitam políticas de valorização e respeito às pluralidades. Os fundamentalismos estão alicerçados na compreensão de que existem inimigos a ser combatidos e têm como característica o oposicionismo a tudo que possa parecer expressão da modernidade, como o diálogo entre fé e ciência, a secularização, as diversidades culturais e religiosas, as contradições da história, entre outras.

Pesquisadores e pesquisadoras dos fundamentalismos no Brasil tendem a relacionar os fundamentalismos com as igrejas neopentecostais e evangélicas. Virou senso comum relacionar evangélico com fundamentalistas. A experiência da CFE ensinou que os fundamentalismos estão entre as igrejas do movimento ecumênico. Os fundamentalismos se capilarizaram e estão fragmentando as igrejas, porque não aceitam a dimensão da diversidade, no sentido de experiências diferentes da fé, nem dentro de suas próprias igrejas. A aceitação do diálogo entre igrejas diferentes vira uma ameaça muito maior. O diálogo ecumênico está frágil e distante do testemunho cristão. A preservação e a defesa das identidades confessionais tendem a pesar mais.

Todos os embates experimentados durante a CFE precisam ser inseridos no que Rocha (2021, p. 118) chama de “guerra cultural ou retórica do ódio”. A CFE/2021 foi alvo da retórica do ódio, que implica na disputa de valores, com base na superioridade dos princípios. A retórica do ódio compreende que a diversidade é um mal a ser eliminado simbolicamente ou, em situações mais extremas, fisicamente. As redes sociais têm sido o espaço privilegiado para o impulsionamento da retórica do ódio.

Até as controvérsias geradas contra a CFE, era ingenuidade pensar que haveria a possibilidade de diálogo sobre as estruturas que nos dividem como sociedade, entre elas, o racismo, as injustiças de gênero, questões ambientais, entre outras. As polarizações da CFE derrubaram este véu de ingenuidade.

Dois principais desafios se apresentam para o ecumenismo brasileiro. O primeiro deles é refletir teologias que não se restrinjam a visões religiosas maniqueístas, que dividem o mundo entre bem e mal. Isso é essencial para superar a imagem do combate e de que existe uma guerra espiritual que nos exige lutar contra inimigos. O segundo é, apesar das dificuldades em realizar

Sobre o que precisamos conversar pelo caminho?

o diálogo sobre as estruturas sociais que dividem, seguir afirmando que a fé em Jesus Cristo exige compromisso com a ética do diálogo. ✨

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CENTRO CULTURAL DOM BOSCO. Campanha da Fraternidade 2021: a revolução contra a fé. **YouTube**, 10 fev. 2021a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cm0n1AiExt8&t=20s>>. Acesso em: 31 maio 2021.

CENTRO CULTURAL DOM BOSCO. Saiba quem está por trás da Campanha da Fraternidade! **YouTube**, 5 fev. 2021b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Uc8Slv0hvJU>>. Acesso em: 31 maio 2021.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021: texto-base**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

SINNER, Rudolf von. Compromisso com o ecumenismo de justiça – 30 anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 126-136, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/601>. Acesso em: 31 maio 2021.

Recebido em: 31/05/2021.

Aceito em: 01/07/2021.